

## Bibliografia do Autor

- MEIC - DGD, 1974 Aspectos Educativos da Corrida
- MEIC - DGD, 1975 Desporto Educativo Escolar
- MEIC - DGD, 1976 Função Social do Clube  
Colecção Cultura e Desporto, MEIC - DGD, 1976
- MEIC - DGD, 1976 Desporto e Revolução
- Compêndio, 1978 Cultura Física e Desenvolvimento
- Câmara Municipal de Oeiras, 1982 Autarquias Locais e Desporto:  
A Experiência de Oeiras
- O Professor, 1984 Desporto na Educação:  
Ensaio de Pedagogia Concreta
- Livros Horizonte, 1986 Violência no Desporto
- Mini-Biblioteca, MEIC - DGD, 1986 Formação Desportiva no Ensino Primário (co-autor)
- Caminho, 1987 Desporto Escolar:  
Inovação Pedagógica e Nova Escola
- Livros Horizonte, 1987 O Que É o Olimpismo? (co-autor)
- Campo das Letras, 1994 Desporto e Autarquias Locais:  
Uma Nova Via para o Desenvolvimento
- Livros Horizonte, 1997 O Dirigente Desportivo Voluntário
- Campo das Letras, 1998 Desporto Popular como Prática de Cultura Democrática

**Conversas com a escrita** é uma proposta da Câmara Municipal do Seixal para que possa ver, ouvir e conversar com alguns dos mais importantes escritores, criadores e pensadores da cultura e língua portuguesa.

### Biblioteca Municipal do Seixal - Fórum Cultural do Seixal

Quinta dos Franceses, 2840-499  
Telefones: 21 222 64 11/2/4/7  
Telefax: 21 222 64 19  
E-mail: biblioseixal2@mail.telepac.pt

## MELO DE CARVALHO

Apresentação do livro

### O Clube Desportivo Popular

30  
NOVEMBRO  
sexta-feira  
19.00H

Biblioteca  
Municipal  
do Seixal

Fórum Cultural

**CONVERSAS**  
COM A  
**Escrita**

Câmara Municipal do Seixal  
| Campo das Letras Editores



# MELO DE CARVALHO

## O Clube Desportivo Popular

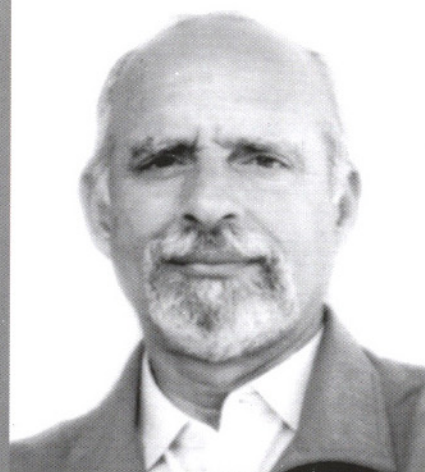
Ed. Campo das Letras | Col. Campo do Desporto

*"A justificação da análise da crise do associativismo e da indispensável reconversão do clube encontra-se, assim, vincada pela preocupação essencial de transformação da sociedade em algo muito mais capaz de permitir a participação (democracia participativa) e a responsabilização (forma de progresso do indivíduo) do que aquilo que agora acontece. A questão centra-se, por isso, na preocupação de encontrar formas novas de serviço público e de utilidade pública, capazes de responderem a uma necessidade profunda de humanização que a sociedade actual contraria frontalmente.*

*Evidentemente que esta perspectiva coloca a questão do associativismo num pé completamente diferente daquele em que é habitualmente entendido. A visão tecnocrática e tecnicista do clube desportivo, que se preocupa, quase em exclusivo, com a obtenção de meios para garantir a presença de bons atletas, alcançar a melhor classificação possível nas competições, conseguir a presença de um treinador que leve as equipas à vitória com todas as consequências daí advindas, perde qualquer sentido (se é que o possui!) naquela perspectiva. Não que tudo isto não possua um significado próprio, devendo ser também tomado em consideração na sua dimensão própria: mas não pode constituir o núcleo central das preocupações do Movimento Associativo Desportivo Popular e dos seus dirigentes. O que está verdadeiramente em causa é a determinação do papel que o associativismo deve desempenhar dentro do movimento global de transformação da sociedade actual em algo capaz de permitir a afirmação do indivíduo e a construção de uma cidadania plena e mais humanizada".*







# MELO DE CARVALHO

Apresentação do livro

## O Clube Desportivo Popular

Biblioteca Municipal do Seixal  
Fórum Cultural

É no âmbito do clube de bairro, de forte cariz popular, espaço privilegiado para a construção individual e colectiva das pessoas, e muito particularmente naqueles clubes que difundem e promovem a prática de actividades físico-desportivas que Melo de Carvalho centra a sua análise neste trabalho, apresentando desde logo os critérios que definem o Clube Desportivo Popular: a existência de um projecto de clube; um funcionamento e modelo de gestão democrático e centrado nas pessoas, a procura em ser uma "mais-valia social", a promoção de actividades sem uma perspectiva de lucro e ser individualmente apropriado. A partir deste quadro, e segundo o autor, o que actualmente deve interessar ao clube desportivo popular é **"definir quais as funções que o clube deve desempenhar na sociedade actual e quais as formas mais eficazes para a sua acção em função das necessidades a que deve responder"**. A sobrevivência deste não só é possível como é necessária pois ele preenche um vazio que, paulatinamente, está a instalar-se na sociedade em termos de práticas colectivas de acção.

Se é um facto que o clube tem uma função mediadora na aproximação das pessoas e **"tem como finalidade formar o homem, fornecendo resposta às suas necessidades mais profundamente humanizadoras**

**(sociabilização, afirmação pessoal e colectiva, reforço da identidade, aperfeiçoamento e superação, convivialidade e integração social, melhoria da qualidade de vida, ...)"**, não deixa igualmente de ser um facto que o clube desportivo não é exclusivo detentor deste tipo de objectivos, pois existem na sociedade outras instituições, igualmente meritórias, que prosseguem estes designios. Se aqueles objectivos são partilhados, ao clube importa definir e intervir com a adequação necessária no seu objecto e no produto que a sua acção promove. Por isso, as causas da propalada crise do associativismo, aspecto que o autor amplamente aborda, não deverão ser procuradas nas finalidades e acção dos clubes. Segundo Melo de Carvalho, o problema da "crise do associativismo" terá outros factores explicativos que, de forma deliberada, frequentemente não são referidos.

A análise do processo da crise do movimento associativo terá de ter presente as condicionantes política e social que atravessam a sociedade e as comunidades em que os clubes associativos se integram. Refira-se que os factores de crise mais frequentemente considerados são a diminuição do número de dirigentes e de sócios, a perda de influência e capacidade de adaptação dos clubes, o desvirtuamento

de alguns dos seus princípios e o enveredarem por vias descaracterizadoras, a redução da participação voluntária. Todavia, relativamente a estes factores, mais ou menos empiricamente percebidos, não existem dados concretos, fundamentando-se a generalidade das abordagens num realismo ingénuo (ou **"filosofia espontânea"**, na expressão do autor). Por isso, particularmente útil e interessante, resulta o capítulo II (**"De que vamos falar?"**), onde se expõe o conteúdo de conceitos (associação, colectividade, sociedade, clube) e se apresentam fontes e dados disponíveis, não obstante a sua relativa fiabilidade, devido à ausência de estudos sistemáticos, situação por si só merecedora de reflexão e de interrogações. Por outro lado, o clube, na sua crise de meios, valores e de projecto, reflectirá uma crise mais vasta que atravessa a própria sociedade e, em parte, será resultado dela, pois não se poderá inferir, a partir dos dados apresentados e relatórios disponíveis, a existência de uma correlação directa entre a dimensão do fenómeno associativo nos vários países e os níveis de desenvolvimento que neles se registam?

O que parece impor-se como uma realidade é que organizações, recentes ou centenárias, com relevância social são alvo de contestação sistemática a pretexto da crise que atravessam, o que dirige algumas delas para vias que potencialmente as desvirtuam da sua finalidade primordial que, não

obstante a necessidade de se adaptarem e responderem a novas necessidades, todas deveriam, no essencial, conservar: o serem instituição de utilidade e interesse público que prestam um serviço social qualificado e portadoras de uma lógica de funcionamento alternativo aos padrões que regem uma sociedade mediatizada, cada vez mais desumanizada e mercantilizada.

O que também se constata é que algum sucesso dos clubes, associado ao desempenho de novos papéis no domínio da integração e inclusão social e de práticas que respondem a novas necessidades das suas comunidades, não é suficientemente valorizado em termos sociais nem lhes são atribuídos recursos necessários. É isto, segundo Melo de Carvalho, só sucede por os clubes não terem verdadeiramente a noção da sua força, não conseguirem canalizar o apoio social dos seus muitos milhares de associados e praticantes e revelarem alguma incapacidade de se organizarem em termos interassociativos e de coordenação de esforços no sentido de obterem visibilidade e afirmarem a sua força por via do reconhecimento político e social. Logo não basta enunciar que **"a utilidade dos clubes desportivos não pode ser posta em causa"**, é necessário que isso seja verdadeiramente reconhecido. Ora essa força terão os clubes de a encontrar na sua prática e nas suas origens, recuperando objectivos primordiais de serem espaços de encontro e formação cívica, de transmissão de princípios éticos fundamentais e de

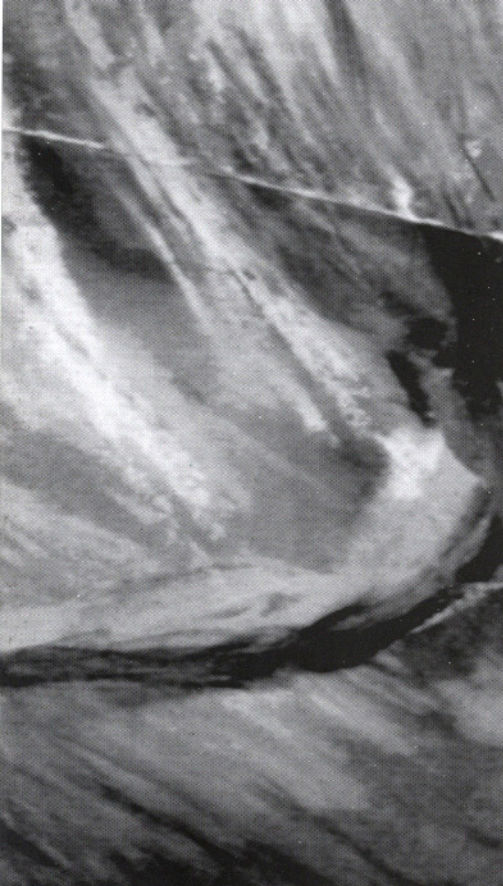
democratização de acesso ao desporto pois este, à imagem de outras práticas sociais, é factor de modelização do mundo e das relações entre as pessoas e no clube desportivo popular os seus associados podem encontrar formas de exprimirem o seu sentido comunitário de participação e responsabilidade.

Características do clube devem ser as práticas internas desenvolvidas para realizar uma política que concretize o projecto pessoal dos associados e a finalidade do clube. E estas práticas podem e devem ser também uma alternativa ao modelo competitivo, selectivo e potenciador de exclusão que aliena as pessoas do processo decisório na vida social. Porém, se existem problemas que necessitam de ser ultrapassados, as soluções deverão ser equacionadas dentro de uma lógica e visão que não se baseie nos conceitos dominantes e dominadores, devendo os clubes manter a ambição de pugnar e se regerem por uma ordem alternativa o que, desde logo, implica uma profunda reflexão sobre os aspectos relacionados com o seu financiamento e gestão.

É evidente que Melo de Carvalho considera que a análise da realidade associativa é frequentemente caracterizada por um **"dispositivo discursivo de carácter meramente ideológico"**, mas é um facto que o autor igualmente assume a sua parcialidade, o seu comprometimento com uma via de transformação, de alteração da realidade,

para a qual o próprio clube desportivo popular será também um instrumento. Por isso, para o futuro do clube desportivo popular, que Melo de Carvalho não duvida que terá de permanecer associativo ou perecerá na sua essência, o autor não propõe apenas uma nova política de gestão baseada na melhoria organizacional e racionalização de procedimentos, um empenhamento em encontrar e prosseguir objectivos que respondam às necessidades reais das pessoas, mas também a adopção de um conceito, de uma visão que tem para a sociedade neste nosso tempo que corre entre a melancolia democrática e a euforia pela exibição e o espectáculo. Para isso, e sem nostalgia, a história, o passado do movimento associativo e dos clubes é relevante como factor de identidade e coesão para o desafio em que eles se devem empenhar e vencer, pois se desaparecerem, ou desistirem das suas finalidades essenciais, tal representará não só uma perda na formação e afirmação de novos talentos desportivos mas, sobretudo, um grave e triste empobrecimento da vida social e da busca de um outro sentido para uma vida onde a lógica humanística possa prevalecer e reabilitar a instância política nos seus mais plenos sentidos de cidadania e ética que, para surpresa de alguns, é muito aquilo de que neste livro se fala.





## Nota Biográfica

Para além do seu desempenho cívico enquanto eleito, Melo de Carvalho desenvolveu ao longo da sua vida intensa actividade no âmbito da participação no movimento associativo. Foi também técnico desportivo em vários clubes e, ao longo de trinta anos, dirigente associativo voluntário e desempenhou, por diversas vezes, funções directivas.

O reconhecimento pelo seu profundo conhecimento da prática desportiva e da realidade do movimento associativo sobejamente o qualificaram para o exercício da actividade de consultor e assessor para a área sociocultural, tendo sido sucessivamente convidado para o desempenho dessa actividade por mais de vinte e cinco câmaras municipais e associações distritais de municípios e é, neste momento, assessor na Divisão de Desporto da Câmara Municipal do Seixal.

Fruto destas experiências e do seu amplo conhecimento prático e teórico é o impressionante número de artigos e livros produzidos por Melo de Carvalho sobre a problemática da educação física, do desporto, da cultura e educação e ainda sobre as temáticas do urbanismo, juventude e animação, o que se consubstancia na autoria de mais de duas centenas de artigos e de quinze livros publicados em diversas editoras, tornando-o justamente numa reconhecida autoridade na área sociocultural e desportiva, sendo **O Clube Desportivo Popular** o seu mais recente livro.

Alfredo C. Melo de Carvalho é licenciado em Educação Física pelo INEF. Profissionalmente, exerceu actividade docente, tendo sido professor de Educação Física em várias escolas do País. A partir de 1967, exerceu cargos dirigentes e de coordenação no âmbito do desporto, tendo desde essa data e até 1970 sido Chefe do Serviço de Animação Sociocultural da Direcção-Geral de Assistência. Nos dois anos seguintes foi Chefe de Divisão da Educação Física Escolar na Direcção-Geral de Educação Física, Desportos e Saúde Escolar. Em 1974, Melo de Carvalho ascende a Director-Geral dos Desportos, cargo em que se manterá até 1977, sendo a partir de 1978, e durante os vinte e quatro anos seguintes, Inspector-Geral de Educação. Nesse período, entre os anos de 1977 e 1985, foi Vereador na Câmara Municipal de Oeiras.